



EGB APRESENTA SUA NOVA DIRETORIA

Por **Espeleo Grupo de Brasília** (SBE G006)

O Espeleo Grupo de Brasília (EGB) tem a satisfação de anunciar à comunidade espeleológica a eleição de sua nova diretoria para o biênio de 2013/2014, ocorrida no dia 09 de dezembro de 2012 e com início de atividades no dia 1º de janeiro de 2013. Os sócios que compõem a nova diretoria são:

Presidente: Adolpho Milhomem

Vice-Presidente: Tiago dos Anjos;

Tesoureiro: José Humberto Matias de Paula Filho;

Secretária: Letícia Lemos de Moraes;

Almoxarife: Janaína de Paula.

O Espeleo Grupo de Brasília -EGB- é uma sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 21 de outubro de 1977 e que tem, como finali-



dade, apoiar, promover e congregam pessoas interessadas na descoberta, estudo, pesquisa e preservação das cavernas, bem como de outras atividades relacionadas à espeleologia e das ciências correlatas, como a geologia, biologia, arqueologia, antropologia, saúde pública, hidrologia, etc.

A nova diretoria estará empenhada em dar continuidade ao excelente trabalho conduzido pelas diretorias anteriores, com destaque às atividades de prospecção e mapeamento de cavernas e à preparação e formação dos sócios por meio da realização de cursos e palestras. Também se coloca à disposição para, na medida do possível, atender aos anseios dos demais atores envolvidos com a espeleologia.

PESQUISA FAPESP DIVULGA FOTO DA CAVERNA DO DIABO

A edição de fevereiro da revista Pesquisa FAPESP divulgou na seção «Fotolab» uma imagem do professor William Sallun Filho (SBE 1434), pesquisador científico do Instituto Geológico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, que coordena pesquisas na região do Vale do Ribeira.



Gigantes Caídos

O salão Gigantes Caídos faz parte da Caverna do Diabo, a segunda maior gruta do estado. O nome se refere às duas enormes estalagmites que, em razão da erosão do piso provocada pelo rio subterrâneo, tombaram como estátuas monumentais. O salão fica a algumas horas de caminhada caverna adentro e está sendo estudado por uma equipe de geólogos que analisam a estrutura da rocha e a evolução da gruta.

Fonte: Revista Pesquisa FAPESP 02/2013

ABAIXO ASSINADO PEDE PAVIMENTAÇÃO DA RODOVIA QUE LIGA APIAÍ À IPORANGA

Foi aberta uma petição no site Avaaz pela pavimentação da rodovia que liga os municípios de Apiaí e Iporanga, no sul de São Paulo. A SP-165 e é a única estrada estadual sem pavimentação, dificultando o acesso entre os municípios e o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), uma das maiores concentrações de cavernas do Brasil.

[Clique aqui e acesse a petição](#)

II CONGRESSO NACIONAL DE PLANEJAMENTO E MANEJO DE TRILHAS

De 16 a 18 de outubro de 2013, ocorrerá o II Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas no Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O evento é organizado pelo Grupo de Estudos Ambientais e pelo Laboratório de Geoprocessamento, ambos da UERJ, e conta com o apoio da SBE entre outras instituições.

Com o tema " Uso Público e Biodiversidade: Desafios de gestão e governança em áreas protegidas" o evento debaterá as diferentes realidades quanto a gestão do patrimônio natural e a função social de unidades de conservação e áreas protegidas tendo como referência as redes de trilhas, de sua concepção ao manejo, buscando avaliar as relações entre a flora, a fauna e os contextos sociais envolvidos.

Na ocasião, ocorrerá ainda o I Colóquio Brasileiro da *Red Latinoamericana de Senderismo*, a ser realizado de 16 a 18 de outubro na UERJ, evento este preparatório para a participação nacional no I Congresso de la Red Latinoamericana de Senderismo, que ocorrerá no Chile em 2014, quando será abordado o progresso feito para a rede até o momento.

Os associados da SBE podem se inscrever no evento com desconto. Participe e contribua. Serão várias conferências, mesas redondas, grupos de trabalhos e minicursos, concluindo com a publicação da Carta Nacional para o Manejo de trilhas para Conservação da Biodiversidade e a divulgação do estado da arte sobre o tema.

Mais informações

lcnpmt.wordpress.com



II CNPMT

Uso Público e Biodiversidade: Desafios de gestão e governança em áreas protegidas.

GARRAFA ENCONTRADA EM GRUTA DE MINAS TRAZ MISTÉRIO SOBRE MORTE DE FIDALGO

Parece mentira – e talvez seja. Ninguém sabe se é autêntica a carta que estava dentro de uma garrafa em uma gruta da Serra da Piedade, em Caeté, na Grande BH. Pelo menos, foi essa a história contada por um tropeiro anônimo que, há quase 200 anos, teria achado os papéis e divulgado a descoberta para um jornal carioca. Na missiva, datada de 1699, o autor, um enigmático Martinho Dias, assume ter sido o assassino do espanhol dom Rodrigo de Castel Blanco, alto funcionário da coroa portuguesa. Até hoje, o relato inquieta e divide pesquisadores: seria verdadeiro ou apenas uma farsa?



Juarez Rodrigues

Serra da Piedade, onde foi encontrada garrafa com a carta

Antes de chegar ao Brasil, Rodrigo trabalhou em minas de prata na Bolívia e no Peru. Essa experiência o fez ganhar a confiança do príncipe regente de Portugal, dom Pedro II, que precisava de alguém para organizar os achados de ouro na colônia. Em 1673, o espanhol recebeu o título de fidalgo da Casa Real e foi nomeado administrador-geral das minas. Percorreu algumas capitanias até ser incumbido, em 1682, de visitar a Região dos Cataguás, que faria parte do futuro Estado de Minas Gerais. Deveria avaliar a expedição do bandeirante Fernão Dias Pais Leme, encarregada de desbravar os sertões.

Quando o perito enviado pelo príncipe chegou ao local, Fernão Dias já havia morrido, em 1681. Genro e conterrâneo do paulista, Manuel Borba Gato ficou no acampamento, à caça de minérios. No arraial do Sumidouro, em Sabará, dom Rodrigo se deparou com a caravana de Borba Gato. Os historiadores são quase unânimes em reconhecer o motivo que fez os dois se desentenderem. Ao considerar insuficientes os seus equipamentos e mantimentos, o fidalgo espanhol quis que o outro cedesse parte do que tinha. Mandou subordinados falarem com Borba Gato, que se negou a atender o pedido.

Insatisfeito, dom Rodrigo decidiu tentar convencê-lo pessoalmente. Com dois ajudantes, o espanhol insistiu sem

sucesso. O europeu se exasperou. “Cego de ira, levantou-se bruscamente” e, antes de ir, “com vozes e gestos alterados”, disse que “o ensinaria a ser mais cortês” e “mandaria buscar as coisas de que carecia para o serviço real”, ainda que Borba Gato não quisesse – esse é o relato feito no século 18 pelo coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça.

Quase todos os historiadores contam que dois auxiliares do bandeirante, sem que tivessem sido incumbidos da tarefa, quiseram vingar o ultraje sofrido pelo patrão. Quando o europeu voltava à sua comitiva, os assassinos dispararam dois tiros e ele caiu morto.

ADESCOBERTA

Em comunicado ao Conselho Ultramarino, o então governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, informou que dom Rodrigo levou três tiros quando ia “marchando por uma estrada”,

fixou em 28 de agosto de 1682 a data do crime e admitiu que ainda não se conhecia o autor dos disparos. Borba Gato foi responsabilizado pelo crime e passou quase 20 anos desaparecido, com medo de ser condenado. Mas, afinal de contas, quem tirou a vida de uma das mais poderosas autoridades monárquicas no Brasil? E o culpado agiu por ordens do paulista?

Em 5 de setembro de 1827, o Diário Fluminense publicou um relato que prometia acabar com o mistério. O jornal divulgou a correspondência de um tropeiro, identificado como “O Amigo dos Bens do País M.”. Ele contou que, em maio daquele ano, quando andava pelo sopé da Serra da Piedade, em Caeté, notou o sumiço de uma besta. Um empregado saiu à cata do animal e entrou em uma gruta, onde deparou com uma “garrafa de boca larga”, fechada com “rolha de pau” e “certa massa, que parece ser cera da terra”. Dentro dela, diz o tropeiro, “achei um papel escrito com tinta vermelha e tão puído”. Ele garante que os originais se perderam, “por andarem de mão em mão”, mas que é fiel a cópia encaminhada ao Rio de Janeiro.

O jornal publicou na íntegra, e na grafia original, o relato de Martinho Dias. Ele confirma a história de que dom Rodrigo pediu ao bandeirante “parte do provimento que ficara de Pais” (aqui, a grafia foi atualizada). Com a recusa, o fidalgo “se enjou e

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Mandando eu em Maio deste anno a minha tropa com mantimentos a vender em Caeté, aconteceu que na volta arranchando-se a dita no Arraial da Penha desapparecesse huma besta; ahi falhou enquanto se procurava, e nesta diligencia, hindo hum preto meu até á faldá da Serra da Piedade, depois de ter andado muito, achando alli huma grande lapa em huma pedra, ou movido de curiosidade para sondar o sitio, ou talvez querendo descansar á sombra, entrou nella, e de hum lado dentro de huma fenda, que havia na roxa, achou huma garrafa de boca larga com huma rolha de pau, e embetmada de certa massa, que parece ser cera da terra, tirou-a logo, e vendo papeis dentro suppoz ser algum feitiço; mas com tudo animou-se a conduzir a garrafa para me mo-

Clique para ler a transcrição da carta publicada no Diário Fluminense em 1827 injuriou com palavras”, o que fez com que “lhe quitasse a vida” para “defender a honra de Gato, a quem nós tínhamos por nosso Capitão-mor”. Martinho não diz se agiu por ordem do chefe, mas ressalta que fugiu “com consentimento” dele. Sempre informava o outro da descoberta de minas. Um dos achados foi particularmente rico. Guiado por “um índio chamado Inhambe”, chegou a um “veeiro todo crivado de grandes pedaços e folhetas (lâminas finas) de ouro”.

A relação entre Martinho e Borba Gato se rompeu quando o patrão foi perdoado pelo assassinato. A historiadora Andréa Mansuy Diniz Silva conta que, após descobrir ouro na região do Rio das Velhas, o paulista levou amostras para o governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Meneses. Foi absolvido, em troca da revelação do local exato das minas. Martinho percebeu que, na barganha com o governo colonial, o bandeirante não pediu que o perdão fosse estendido ao auxiliar nem incluiu na conta o veeiro avistado pelo índio. O autor da missiva ficou com medo que Borba Gato quisesse exterminá-lo, para desfrutar sozinho de todo o ouro achado.

Martinho decidiu voltar ao veeiro, de onde retirou uma arroba (14,7 quilos) e seguiu para Porto Seguro (BA). Planejava embarcar para Lisboa (Portugal) e pedir a dom Pedro II o perdão de seu crime e “uma companhia de homens armados”, para explorar sua descoberta a salvo de “hostilidades de Gato”. E por que decidiu escrever tudo isso em uma carta? Sem querer confiar a ninguém o que chamou de “meu segredo”, redigiu duas “memórias”: levaria uma com ele e outra deixou naquela garrafa. Caso morresse antes de realizar o plano – em suas palavras, “se eu não chegar ao fim do meu intento, porque Deus seja servido matar-me –, “o feliz” que encontrasse a carta poderia usufruir do minério.

Continua na próxima página...

Continuação...

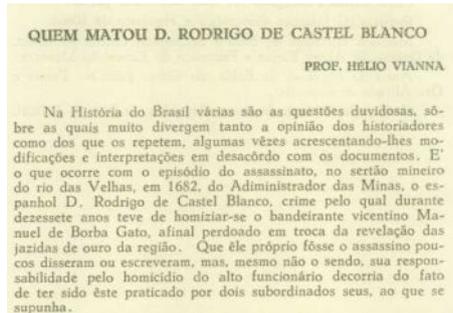
VERDADE OU FARSA?

A publicação do Diário Fluminense não deve ter chamado muita atenção. Caiu no esquecimento e só foi resgatada em 1962 pelo historiador Hélio Vianna, que achou um exemplar do jornal na Biblioteca Nacional. Em ensaio na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, ele defende a carta como legítima. “O documento tem toda a aparência de verdadeiro, nada indicando que se trate de fraude ou forjicação, embora dele não se tenha mais que a cópia impressa, pois o original provavelmente se perdeu”, escreve. Entre os indícios, ele ressalta que o relato de Martinho tem estilo e ortografia típicos de fins do século 17, o que “seria muito difícil” de ser imitado por tropeiro do século 19.

Aparentemente, depois do ensaio de Vianna, o documento voltou a ser esquecido. A carta era desconhecida pelos estudiosos ouvidos pelo Estado de Minas. “Narrativas que envolvem papéis achados em garrafas parecem, à primeira vista, pouco críveis e um tanto fantasiosas. No entanto, fiquei impressionada com a linguagem e a grafia das palavras, idênticas às da época”, diz Adriana Romeiro, professora da UFMG e especialista em história colonial. “Achei bem convincente a hipótese de ter sido esse Martinho Dias o verdadeiro assassino. Mas isso não muda muita coisa, porque ele agiu em nome do Borba Gato”, acrescenta.

Para garantir a veracidade da carta, é preciso confirmar que Martinho existiu. “Fiquei curiosa e pesquisei no Arquivo Público Mineiro e no Arquivo Histórico Ultramarino. Não encontrei nenhuma menção a esse indivíduo”, diz. Ela aproveitou a presença em Lisboa do doutorando em história Adriano Toledo Paiva e pediu que ele procurasse por Martinho no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. De novo,

nada foi encontrado. “Se ele tivesse chegado a Lisboa e encaminhado petição ao rei, isso estaria registrado na Chancelaria Régia”, explica.



Clique para ler a o estudo do Prof. Helio Vianna publicado em 1962 - p. 70-88

Especialista em história da mineração no Brasil, o professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Ângelo Alves Carrara discorda. “O que mais me chamou a atenção foi a modalidade de português utilizada, que não é do século 17, muito menos do fim desse século, mas do século 16.” Como exemplo, ele aponta o uso do verbo “leixar”, em vez de “deixar”. “No inventário mais antigo de São Paulo, de 1578, a forma usada já é deixar. No início do século 17, a forma leixar já era considerada antiga pelo poeta português Francisco Rodrigues Lobo.” E prossegue: “A carta tem outros termos mais usuais no século 16, como achamento em vez de descobrimento e graa por grande”.

Carrara considera “totalmente prejudicada” a hipótese de que o documento seja autêntico. “Seria uma fraude. Mas nada do que estou dizendo tem validade, enquanto um linguista não emitir um parecer definitivo”, diz. Especialista em linguística histórica e filologia textual, a professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Célia Marques Telles julga ser impossível atestar a autenticidade da carta. “Como não se dispõe do original, não dá para confirmar a

datação do documento. Traços como estilo, vocabulário e grafia não podem, por si sós, datar um texto”, justifica.

O mistério deve se eternizar, para a tristeza de Adriana Romeiro: “É muito improvável que essa história se esclareça. Se eu pudesse voltar no tempo, voltaria ao dia em que dom Rodrigo foi assassinado. Daria tudo para ver a briga entre ele e Borba Gato”.

DRUMMOND PÔS FÉ NA HISTÓRIA

A carta assinada por Martinho Dias foi publicada na íntegra no volume da coleção Brasil, Terra & Alma dedicado a Minas Gerais, cuja primeira edição saiu em 1967. O poeta Carlos Drummond de Andrade, responsável por selecionar os textos da coletânea, parece crer na veracidade do relato. Tanto que ele o identifica como “Manuscrito na garrafa: encontrado numa lapa, nas proximidades de Caeté, em 1827”.

LINHADO TEMPO

1673 – O príncipe regente dom Pedro II designa o espanhol dom Rodrigo de Castel Blanco para organizar a exploração de ouro no Brasil

1682 – A comitiva de dom Rodrigo encontra a expedição do bandeirante paulista Manuel Borba Gato, no arraial do Sumidouro, em Sabará

1682 – Dom Rodrigo e Borba Gato se desentendem e o espanhol é assassinado. Responsabilizado pelo crime, o paulista foge e fica desaparecido por quase 20 anos

1699 – Martinho Dias escreve carta confessando ter disparado o tiro que matou dom Rodrigo

1827 – Um tropeiro encontra a carta de Dias guardada em uma garrafa em uma gruta da Serra da Piedade, em Caeté, e divulga a descoberta para um jornal carioca.

1962 – A carta é redescoberta pelo historiador Hélio Vianna, que considera autêntica.

Fonte: Estado de Minas 09/02/2013

RELATÓRIOS DE TRÊS DÉCADAS SÃO DOADOS À SBE

O Professor Coriolano Martins Dias Neto, da USP, doou para a biblioteca da SBE três relatórios técnicos importantes para a espeleologia realizados entre o final dos anos 1970 e início de 1980.

Um dos relatórios foi o levantamento espeleológico do Parque Nacional de Uba-jara, realizado pela SBE em dezembro de 1978, incluindo a descrição do urso fóssil encontrado em uma gruta de mesmo nome, além de medições da meteorologia subterrânea, geologia e biologia da gruta de Uba-jara e de outras da região.

Os outros dois relatórios abordam a

paleontologia do Vale do Ribeira, no Sul do Estado de São Paulo. Um deles, de 1979, trata do Abismo Fóssil (SP-145) e o outro, de 1982, trata do Abismo Ponta de Flecha (SP-175), incluindo também aspectos de arqueologia e geologia da caverna.

Contribuições como esta vêm enriquecer nossa biblioteca e ajudar na conservação da memória da espeleologia brasileira. Nosso obrigado!

O material está disponível para consulta de qualquer interessado na biblioteca Guy-Christian Collet, sede da SBE, no parque Taquaral em Campinas.SP.

CAVERNA DE GELO ATRAI TURISTAS NA SERRA GAÚCHA

Em pleno verão, a réplica de uma caverna de gelo encanta turistas com esculturas à -10°C.



Fonte: Globo TV 13/01/2013

Foto do Leitor



Emerson Gomes Pedro

Nas trevas se faz a luz...

Datas: 01/2012 - **Autores:** Emerson Gomes Pedro
Cueva X-mait - Desenvolvimento: 500 m. Desnível 20 m.
Município de Tekax, Mérida - México.
Segundo os fotógrafos, por se dão umbilical.

Mande sua foto com nome data e local para sbe@cavernas.org.br

RODOVIA BONITO-BODOQUENA DEVE INTEGRAR ROTEIROS TURÍSTICOS NO MS

Considerada como uma das importantes rotas turísticas de Mato Grosso do Sul, a MS-178, que liga agora por asfalto os municípios de Bodoquena e Bonito, deve atrair mais turistas não só para a região da Serra da Bodoquena, mas também para o Pantanal. São pelo menos 69,5 quilômetros de rodovia pavimentada onde o tráfego de veículos era até então feito pela estrada de chão, num trajeto demorado.

Com roteiros integrados, o turista vai permanecer mais tempo em Mato Grosso do Sul, afirma a diretora-presidente da Fundação de Turismo (Fundtur), Nilde Brun.

O Turismo na região também deve ser incrementado com voos diretos da Companhia Azul ligando o Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas SP, à cidade de Bonito, previsto para entrar em operação no dia 24 de março.

Fonte: Dia Dia 20/02/2013

VENHA PARA O MUNDO DAS CAVERNAS

Filie-se à SBE

Sociedade Brasileira de Espeleologia



Clique aqui para saber como se tornar sócio da SBE

Tel. (19) 3296-5421

Filiada à



União Internacional de Espeleologia



FEALC-Federação Espeleológica da América Latina e Caribe

AGENDA



11 a 14/07/2013
32º Congresso Brasileiro de Espeleologia
Barreiras BA
www.cavernas.org.br/32cbe.asp

21 a 28/07/2013
16º ICS - Congresso Internacional de Espeleologia
República Checa
www.speleo2013.com

BIBLIOTECA SBE



Novas Aquisições

SBE. Parque Nacional de Ubajara - Levantamento Espeleológico. Relatório Técnico: 1978.

SBE/USP. Paleontologia do Vale do Ribeira - Exploração I - Abismo do Fóssil (SP-145). Relatório Técnico: 1979.

SBE/USP. Paleontologia do Vale do Ribeira de Iguape - Exploração II - Paleontologia, arqueologia e Geologia do Abismo Ponta de Flecha (SP-175), Iporanga SP. Relatório Técnico: 1982.

As edições impressas estão disponíveis para consulta na Biblioteca da SBE. Os arquivos eletrônicos podem ser solicitados via e-mail.

Visite Campinas e conheça a Biblioteca Guy-Christian Collet Sede da SBE.

Apoio:



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Antes de imprimir, pense na sua responsabilidade com o meio ambiente



EXPEDIENTE

SBE Notícias é uma publicação eletrônica da SBE-Sociedade Brasileira de Espeleologia
Telefone/fax. (19) 3296-5421 - Contato: sbe@cavernas.org.br
Comissão Editorial: Marcelo Rasteiro e Delci Ishida
Todas as edições estão disponíveis em www.cavernas.org.br
A reprodução deste é permitida, desde que citada a fonte.